

Um Sistema de Saúde Único.

"Não se cria igualdade por Lei, ainda que não se consolide a igualdade sem a Lei"(Fleury, S).¹

Mair Pedro de Souza

*Médico Hematologista, responsável pela implantação Serviço de Transplantes de Medula Óssea
Mestre em Hematologia pela Faculdade de Medicina de Botucatu da UNESP
Ex- Secretário Municipal de Saúde de Jaú/ SP*

Tisuko Sinto Rinaldi

*Médica Pediatra e Sanitarista, ex-Secretária Municipal de Saúde de Jaú/SP,
Docente da Faculdade de Medicina UNOESTE Jaú,
Pesquisadora colaboradora no Núcleo de Estudos de Políticas Públicas (NEPP),
no Programa de Estudos de Sistemas de Saúde (PESS) da UNICAMP
Sócia Fundadora do Instituto de Pesquisa e Apoio ao Desenvolvimento Social (IPADS) em Campinas/SP*

A pandemia pela Covid-19 está desafiando diariamente, há meses, o Sistema Único de Saúde. Um sistema público, universal, integral, descentralizado e concebido a duras penas. Os princípios definidos na 8ª Conferência Nacional de Saúde em 1986 foram incorporados à Constituição Federal Brasileira em 1988 e só regulamentado pela lei 8.080 em 1990. Estão assegurados, na legislação, modelos variados de gestão, organização de serviços de saúde singulares, participação da comunidade e financiamento tríplex. Isto é, estamos falando de um sistema em construção. A despeito das dificuldades de gestão, da crônica falta de recursos financeiros, da segmentação do sistema e de serviços heterogêneos quanto à qualidade e resolutividade nas unidades de saúde, os brasileiros estão sendo assistidos (em todo o território) e podem contar com uma estrutura amplamente capilarizada.

Capilaridade é uma propriedade que os líquidos apresentam de ascender ou descer em tubos muito finos mesmo contra a força da gravidade. Depende de tensão *superficial* causada pela *coesão* das moléculas do líquido e *adesão* à superfície do material. Capilaridade é fundamental para as funções fisiológicas dos animais e plantas.

A semente da "árvore" SUS concebida com muita luta, foi plantada em solo árido e antes de germinar foi pisoteada. Muito. Tentaram cortar a água. Tentaram evitar que fosse adubada. Mas brotou. Brotou e cresceu. Adubada por poucos, agredida por tantos. Cresceu e demonstrou que a *coesão* e *adesão* resultaram na necessária *tensão* que pudesse tornar o sistema amplamente capilarizado. Sistema capaz de resistir aos ataques de diversas pragas. Há pragas nas folhas, nos pequenos e grandes galhos e até no tronco. As raízes, no entanto, são muito fortes. Mostrou sua força quando permaneceu em pé e sendo a estrutura que suporta o grosso do peso de uma tragédia do porte da atual pandemia. Questionado num primeiro momento e aparentemente falido pela falta aguda de recursos humanos e hospitalares de cuidados intensivos, foi

surpreendido pela avalanche do novo coronavírus como ocorreu em outros países, onde nenhum sistema de saúde estava pronto para uma catástrofe desta natureza.

Mas o SUS capilarizou conceitos, criou uma força de trabalho e de organização de serviços ainda desconhecida por muitos. Capacitar tantas pessoas mesmo com salários e condições de trabalho muitas vezes aquém do razoável, tem sido o grande exercício do SUS. Estar disponível para mais de 210 milhões de pessoas não tem sido uma tarefa uniformemente realizada no tempo desejado, mas é uma das metas. Assegurar a maioria dos procedimentos de alto custo para o cidadão, mesmo sendo usuário de um plano privado de saúde é uma prática habitual. E o sistema segue firme. E segue dando frutos.

Na pandemia está seguindo adiante, apesar de duas trocas de ministros e da sistemática sinalização contrária aos métodos científicos por parte da Presidência da República. A árvore que recebe pouco cuidado financeiro se mostra capaz de sobreviver à geada da falta de liderança. Demonstração de que a rede cresceu, amadureceu e o sistema anda com pernas próprias. Claro que andaria melhor e mais rápido com uma gestão comprometida, atenta, preparada e proativa.

O reconhecimento da importância do SUS, ainda que tardio, será uma das consequências do desastre causado pelo SARS-CoV-2. Na Inglaterra, o primeiro ministro chegou a negar os riscos da pandemia e priorizar os cuidados com os impactos econômicos decorrentes do distanciamento social. Foi gravemente acometido pelo vírus e acabou sendo internado pelo sistema público do seu país. Após a alta hospitalar, agradeceu emocionado ao sistema de saúde e às pessoas que dele fazem parte. Como forma de agradecimento, deu ao seu filho recém-nascido o nome de dois dos médicos que contribuíram para sua recuperação.

As dificuldades inevitáveis numa situação de exigência extrema não deverão impedir a valorização do nosso serviço público de saúde que deverá ser vital no período pós pandemia, para recuperação dos adoentados e atenção a todos brasileiros independentemente de cor, raça, idade, sexo, credo, trabalhador, desempregado, pobre, rico, enfim, a todos os cidadãos deste país.

No país tão desigual como o nosso, o SUS é cada vez mais necessário e defendê-lo é o que podemos e devemos fazer hoje.

1. Fleury S. Saúde e democracia: a luta do CEBES. São Paulo: Lemos Editorial; 1997. Editorial L, editor. 1997. 34 p.